

Aguiar, Nelson
Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.
Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

RESENHA

SUSANETTI, Davide. *La via degli dei*. Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di
iniziazione. Roma: Carocci Editore, 2017.

Nelson Aguiar
UFRJ – CAP

Em *La via degli dei*, Davide Susanetti recupera as vozes distantes de uma tradição esquecida, oferecendo a trajetória para um modo singular de conhecer e de viver: o modo iniciático dos Mistérios. A partir de um recorte que vai dos tempos arcaicos à Antiguidade tardia, a obra perpassa, com riqueza de detalhes, todo um legado que exprime a experiência intensa de um núcleo fundamental que está na raiz do ser e do existir. Numa sequência de sete capítulos, ao leitor é concedida uma porta, cujo acesso se abre para o horizonte da potência secreta da vida. Cabe ao leitor, portanto, deixar-se conduzir por entre veredas que podem mudar as percepções ordinárias da existência e remodelar as configurações estabelecidas da subjetividade.

Isso explica por que a obra é aberta com uma significativa referência a *A paixão segundo G.H.* Considerando a experiência existencial da personagem de Clarice Lispector, Davide Susanetti, em sua *Premessa*, reivindica para a obra um estatuto análogo. O romance introspectivo da escritora brasileira mostra que é justamente em um dia tranquilo, em que tudo está posto onde deve estar, no silêncio e na repetição ordinária do cotidiano, que uma fenda pode se abrir ao imprevisto, sobre a quieta superfície das coisas. Mostra ser ali, no cotidiano, entre as paredes de casa, que se pode

Aguiar, Nelson
Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.
Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

ser sujeito a uma *paixão*, a uma experiência *que se padece*, em que se prova do próprio ser, com consequências imprevistas e inimagináveis.

La via degli dei revela que tudo é coisa sacra e que, somente sacralizando a realidade, é possível compreendê-la. A referência a *A paixão segundo G.H.* dá, portanto, o tom de *La via degli dei*, cuja pretensão é a de trazer à luz a experiência de um *páthos* diante da emergência de uma iluminação súbita, que deriva de uma fonte anterior e maior do que aquela humana, e que penetra na própria realidade da vida. Em certa medida, G.H. funciona como um modelo para o próprio leitor, convidado a fazer como ela. Assim como G.H., o leitor é chamado a “comer a vida”.

Frente ao problema do destino humano, agravado no contexto de crise contemporânea, Davide Susanetti observa o quanto *mudar* veio a ser um imperativo universal. Observa também que, em virtude de uma necessidade cada vez mais evidente de reencontro consigo próprio, deflagra-se hoje, segundo o autor, uma espécie de nostalgia do sacro, em um fenômeno que vai para além da reducionista racionalidade técnico-científica. *La via degli dei* vem ao encontro dessa demanda. Com profundidade, a obra penetra nos recônditos domínios dos Mistérios, fazendo-os acessíveis para o leitor do século XXI.

A abordagem apresentada destaca-se na medida em que se encontra inserida no horizonte de uma experiência existencial e intuitiva. Recordando o comentário de Aristóteles (*Sobre a filosofia*, fr. 15), o autor deixa claro que neste horizonte não cabe aprender conteúdos (*mathéin*), mas padecer uma emoção intensa (*pathéin*). Os objetos centrais, sobre os quais a obra se detém, não se configuram conseqüentemente como exercício da faculdade racional, mas como um processo com a propriedade de imprimir um *týpos*, inscrevendo-se, com força e violência, no corpo e na mente.

La via degli dei é uma obra sobre os caminhos iniciáticos. Nela os Mistérios são descortinados não apenas como experiência de vida, mas também como experiência de morte: trata-se de uma descida ao Hades, um aprofundar-se nas trevas, provando-se o mais absoluto terror. O autor exhibe, de fato, como os Mistérios levam a uma experiência de dissolução de que tudo o que define a existência, de todas as certezas e convicções. Evidencia-se, assim, a perda de toda identidade ou individualidade subjetiva que os Mistérios supõem, ainda que se continue a respirar e a viver, estabelecendo uma interrupção da existência ordinária cotidiana. É nesse sentido que se afirma uma

Aguiar, Nelson
Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.
Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

correspondência entre *teleután* (morrer) e *teléisthai* (ser iniciado), de modo que o iniciado provaria do mesmo *páthos* de quem morre: suas referências são perdidas, tudo aparece estranho e desconhecido.

Apenas depois de um verdadeiro percurso inicial de autodesconstrução, uma luz maravilhosa seria então manifesta e uma nova liberdade, alcançada. Trata-se da liberdade de quem, morrendo, deixa o peso da vida. A viagem iniciática terminaria, então, com uma luz que romperia toda obscuridade. Ao enfrentar um caminho de medo e de perplexidade, o iniciado seria gradualmente levado a ver para além do véu, para além de como a vida e a morte normalmente se apresentam na terra, para além dos temores e dos desejos que determinam a existência. Esse estado de coisas seria o que os gregos denominavam de *epoptéia*, para se referirem à visão plena que se realiza na etapa conclusiva do caminho iniciático. A etapa final do percurso reservaria ao iniciado, portanto, uma intuição que ilumina a vida, produzindo uma visão do sagrado em sua plenitude.

Eis, assim, delineado o lugar de fala em que se posiciona *La via degli dei*. Tendo presente a necessidade atual de reformulação da subjetividade, a obra volta-se para as fontes do passado, atestando como ali, de diferentes modos, foram constituídos caminhos transformadores do humano, e revelando, ao mesmo tempo, o quanto tais aventuras de enfrentamento da experiência da vida demandaram um método específico, uma gramática e um saber determinado.

O autor chama atenção para o fato de que, apesar de muito ter sido escrito sobre o tema do *cuidado de si*, prestou-se pouca atenção à relação entre esse tema e os âmbitos dos Mistérios e da Iniciação. E quando esses âmbitos foram abordados, eles o foram dentro da ótica cientificista moderna. Isso é exemplificado com a poesia de Hegel a Hölderlin intitulada *Elêusis*, em que Hegel evoca com nostalgia a sabedoria dos Mistérios e a presença viva do sacro. Uma nostalgia, no entanto, que atribui a essa sabedoria um caráter distante e silencioso, sobre o qual se deveria debruçar a curiosidade do estudioso moderno, em sua pretensão de capturá-la como um objeto.

La via degli dei não pretende, todavia, operar nesse registro, que conduziu mormente os estudos e comentários desde o século XVIII. Nesse sentido, a obra contrasta com a cautela, a neutralidade e a hesitação moderna em evocar o sacro e o mítico. Ao contrário, ela evidencia o quanto a intuição iniciática está situada na origem

Aguiar, Nelson
Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.
Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

e no fim do cuidado de si e da autoconsciência. Consciente do lugar de diferença que quer ocupar, Susanetti é animado por um elã que não se confunde com a curiosidade fria do estudioso-especialista. *La via degli dei* não se compromete, assim, em oferecer uma abordagem puramente academicista, porquanto a perspectiva em que se coloca é muito mais a de uma *busca* e a de uma *experiência*.

Compreendido o projeto da obra, deve-se notar o quanto ela requer e demonstra, com propriedade, um domínio das fontes sobre as quais se fundamenta, permitindo-lhe reconstruir com riqueza, rigor e consistência as descrições que apresenta. *La via degli dei* manifesta-se, assim, como um percurso pela via da literatura e da filosofia, com inúmeras remissões e referências a suas fontes. Dentre as muitas citadas, aparecem, a título de exemplo, Cícero, Plutarco, Apuleio, os Hinos Homéricos, Píndaro, Sófocles, Homero, Aristófanes, Platão, Hipólito de Roma, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Élio Aristide, Ovídio, Proclo e Jâmblico. Desse modo, a obra tem o mérito de marcar o quanto, dos tempos arcaicos à Antiguidade tardia, sábios e filósofos dedicaram-se aos Mistérios e às práticas de Iniciação, tendo constituído um verdadeiro *corpus*. A escrita e a doutrina desses autores, incluindo os textos filosóficos que lhes são atribuídos, apresentam-se, portanto, segundo a análise de Susanetti, como um verdadeiro percurso iniciático.

Passemos ao plano da obra. O primeiro capítulo mostra que, entre as criações e ideias que Atenas produziu, a mais preciosa teria sido a instituição dos Mistérios de Elêusis, - os “Mistérios” por antonomásia, também designados pelos latinos como “Iniciações”. Por eles, os homens passariam de uma estado bruto para uma forma de existência mais digna e coerente com aquilo que deveria ser o humano. Graças aos Mistérios, os homens teriam a possibilidade de conhecer os princípios da vida e da morte em sua essência, tendo acesso a algo totalmente outro, cuja consequência seria uma inevitável metamorfose. Perséfone, Deméter e Dioniso são os modelos particularmente explorados nesta parte.

No segundo capítulo, Pitágoras, Heráclito, Parmênides e Empédocles (os conhecidos filósofos pré-socráticos) são apresentados como “fulgurações arcaicas”, adeptos da verdadeira sabedoria, versados no caminho e na experiência que conduzem para o além do humano. Eles próprios são caracterizados como iniciados, aos quais estaria vinculado um conjunto de práticas esotéricas. É nesse contexto que o

Aguiar, Nelson
Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.
Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

conhecimento da trama secreta do cosmo ter-se-ia traduzido em *philosophía*, naquele amor à sabedoria que o percurso iniciático teria sabido alimentar. A obra destaca, portanto, a concepção de que o pensamento desses pensadores-iniciados teria sido transpassado pelo sentido de uma busca e de uma experiência, de modo que para eles a ciência da natureza não se teria reduzido a um sistema ou a um mero saber prático, mas teria sido estabelecida como via iniciática que conduz o homem para além de si mesmo.

O terceiro capítulo volta-se para o rico universo simbólico dos antros, das grutas e das cavernas, explorados fartamente pela tradição greco-romana. A caverna é descrita como uma imagem tanto da cidade quanto do cosmo, como se pode verificar nas referências a Homero, Platão, Plutarco e Porfírio. Ela aparece também como o lugar simbólico no qual o tempo de vida humana escorre. O aprisionamento à caverna e sua libertação são como imagens do próprio processo de iniciação, que mediante o efeito catártico da purificação, permite libertar o homem da ignorância e da morte.

O quarto capítulo dedica-se à singular figura de Sócrates, modelo da exortação à prática da *epiméleia heautou* (“cuidado de si”). Em Sócrates, essa prática é marcada pela necessidade de uma vida dedicada à busca e ao exame. Como o próprio declara na *Apologia*, uma vida sem exame não vale a pena ser vivida. A Iniciação socrática traduz-se, desse modo, em *exetázein* (buscar) e *elénchein* (refutar). Em sua incompreensível extravagância (*atopía*), o filósofo ateniense interroga e refuta, provocando uma série de reações, uma espécie de *páthos*. Ao indagar e refutar, o filósofo propicia, para aqueles com quem dialoga, as condições de uma efetiva transformação de si. Trata-se aqui, na visão de Susanetti, da efetivação de uma experiência mística, marcada pela produção de uma tomada de consciência e de um estado interior que mostram não ser possível continuar a viver do mesmo modo. A prática de vida socrática implicaria, portanto, a mudança por meio da busca de um estilo de vida melhor e mais sábio, mediante uma prática constante do cuidado de si e do autoexame.

No quinto capítulo, encontram-se os *Mistérios de amor*, para os quais as fontes escolhidas são Platão e Apuleio. Susanetti comenta que, no *Banquete*, a figura de Diotima representa a voz de uma sacerdotisa que, conhecendo o divino, instrui acerca de um caminho de purificação e de ascese. A mestra de tais Mistérios revela que o percurso consiste em uma subida progressiva, que passa de um grau a outro até alcançar a visão da beleza absoluta, eterna e incorruptível. Passando para o *Fedro*, o autor

Aguiar, Nelson

Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.

Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

sinaliza para um rico conjunto de símbolos e de arquétipos na cena dialógica dramaticamente construída, e mostra que tanto no *Banquete* como no *Fedro*, viver e compreender a força do amor implicam um percurso iniciático que se desenvolve de modo gradual. Na sequência, o autor remete-se às *Metamorfoses* de Apuleio, atendo-se de modo especial à célebre história de *Eros e Psiqué*, inserida no coração da aventura do desafortunado Lúcio, transformado em asno por causa de sua curiosidade indiscreta pela magia. Encontramos aí, portanto, uma gama de elementos familiares aos símbolos dos Mistérios e às histórias sagradas que acompanham as Iniciações, numa gama de relações que o autor se esforça por evidenciar.

O sexto capítulo é voltado para o neoplatonismo. Nele Susanetti mostra como a memória e o ensinamento de Platão continuaram vivos na Antiguidade tardia, influenciando o pensamento em Roma, Alexandria, Síria e Grécia. Fica claro o quanto, nesse período, os diálogos platônicos ainda teriam representado uma fonte de inspiração e de sabedoria, ressoando fortemente nas obras de autores como Plotino, Porfírio, Jámblico, Proclo e Olimpíodoro. Uma possível justificativa para tamanha influência e grau de penetração, sugerida pelo autor, é o fato de tais obras não se terem fechado em um sistema teórico de saber. Como indica Susanetti, elas se teriam conservado, de acordo com Proclo em sua *Teologia platônica*, como uma espécie de *mystagogia*, ou seja, como uma forma de introdução aos Mistérios. No século II teria se espalhado, assim, um platonismo eivado de espiritualismo místico e de sincretismo. Os pensadores da época teriam assimilado os mistérios eleusinos e dionísacos, as divindades orientais, os ritos egípcios, as iniciações nos mistérios de Isis e Osíris, as adivinhações, os oráculos, os prodígios e a magia. Esses elementos teriam sido associados ao exercício dialético presente nos diálogos de Platão, representando um estilo de vida a ser adotado e uma prática de ascensão a verdades noéticas superiores. Essas obras ensinariam, assim, a amar a sabedoria e a desatar-se do sono do corpo e das aparências, numa verdadeira ascese do pensamento.

O mesmo capítulo explica como uma *ciência sagrada* teria sido constituída mediante o desenvolvimento de uma potência sobrenatural da mente, que vai para além das forças brutas da natureza. A atividade demiúrgica e a prática teúrgica se fariam sentir na confecção de símbolos, estátuas e simulacros, assim como na realização de ritos, purificações e cerimônias. Elas teriam a propriedade de fazer visível a qualidade e

Aguiar, Nelson

Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei*.

Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

a potência invisíveis dos deuses, traduzindo-se, assim, numa forma de representar na materialidade algo que vai para além da própria materialidade: o incorpóreo. Valendo-se de tais meios, os iniciados poderiam entrar em contato com a potência divina. O escopo maior seria o de alcançar a visão iniciática, em oposição à obscuridade da matéria bruta e da dimensão corpórea. Em última instância, a teurgia visava atingir a contemplação suprema do divino.

O último capítulo discute os segredos herméticos e as práticas de alquimia. Hermes é descrito como o grande mediador entre céu e terra, entre homens e deuses, senhor da transformação e da iniciação perfeita. Susanetti discute, ainda, o problema da formação de um *corpus* textual: o *Corpus Hermético*. Salienta que, de acordo com a tradição, a Hermes teria cabido o dever de revelar a *gnósis* aos homens imersos no sono, mediante uma autêntica iniciação. Tal *gnósis* seria a revelação que abre os segredos do cosmo, situados para além das aparências. Seria, sobretudo, um conhecimento do destino do homem, acompanhado de saber e de técnica de transformação. Teria sido, por isso, codificada em livros sagrados, conservando-se oculta mediante formas enigmáticas e simbólicas. A *gnósis*, assim, não se apresentaria como uma doutrina acessível a todos, mas como um processo que depende de uma iniciação, renovando-se continuamente e precisando ser constantemente reinterpretada.

Assim, a obra é desenvolvida sobre a ideia de que na raiz e no horizonte da experiência mística encontra-se a força de um *páthos* que reside para além da palavra e da teoria. Ela está fundada, portanto, sobre uma abordagem que remete para uma experiência do *indizível*. Indizível na medida em que abriga em si a intensidade de um *páthos* a ser experimentado. *La via degli dei* acaba por se apresentar como uma obra que, valendo-se da mediação da escrita, instaura a possibilidade de dizer o que não pode ser dito. Afastando-se de um academicismo moderno que “separa” e “purifica” numa pretensão de racionalidade, Davide Susanetti coloca em evidência toda uma tradição literária e filosófica decisivamente atrelada à experiência dos Mistérios. Com a competência histórica, literária e filológica para reunir autores e textos antigos, a obra não se volta simplesmente para um *objeto* de estudo, mas para *o eco de uma experiência*, que, ao ressoar, faz vibrar algo de fundamental que ali reside. *La via degli dei* é, por conseguinte, a produção de uma reverberação. É, ela mesma, uma obra de

Aguiar, Nelson
Resenha de Susanetti, Davide. *La via degli dei.*
Sapienza greca, misteri antichi e percorsi di iniziazione.

Iniciação. É nesse espírito que a obra merece ser lida, sentida e sobretudo experimentada.

[Recebido em janeiro de 2017; aceito em fevereiro de 2017.]